

Franceses exigem presença do Clube

**Banqueiros privados
estão dispostos a
rejeitar qualquer
conversa individual**

REALI JÚNIOR
Correspondente

PARIS — Os banqueiros privados franceses que têm algo a ver com a dívida externa brasileira estão dispostos a rejeitar qualquer negociação individual, não abrindo mão da presença do comitê de bancos que representa o conjunto dos credores. Esses banqueiros privados manifestam uma certa curiosidade pela presença da jovem ministra brasileira, pouco comum nesse setor de atividade. Para eles, a posição do Brasil junto ao Clube de Paris é considerada inexplicável pelo pouco volume que representa (por volta de US\$ 400 milhões) se comparado com os atrasos acumulados pelo serviço da dívida comercial.

Quanto à dívida comercial, os representantes dos principais bancos franceses, entre eles Paribas, Crédit Lyonnais, Société Générale etc. são bem mais rígidos. Nenhum deles admite uma negociação em separado, fora do comitê dos bancos que representa o conjunto dos credores. Eric Lemaitre, diretor do Paribas, por exemplo, afirma que essa negociação individual não poderá ser feita, lembrando que o próprio sistema jurídico vigente impede esse tipo de negociação em separado, mesmo se o Citibank ou outros bancos desejarem caminhar nessa direção. Por isso, está convencido que a negociação com o Brasil se fará, cedo ou tarde, com o comitê de bancos ou por outro sistema que possa representar o conjunto dos bancos credores.

Quanto à intenção brasileira de limitar em apenas US\$ 1 bilhão anuais o pagamento dos juros da dívida comercial,

Lemaitre não considera a cifra muito realista, acrescentando: "Só se for por mês". Para outros banqueiros, essa tentativa de fixar uma quantia não é realista e não corresponde à melhor estratégia. As autoridades deveriam procurar restringir o pagamento do serviço da dívida, mas sem fixar tetos. De qualquer forma, as conversas com os banqueiros poderão ser difíceis, mas elas serão úteis, mesmo porque eles continuam esperando informações mais pormenorizadas sobre os primeiros resultados do Plano Collor.

Na sua conversa com o presidente do Clube de Paris, a ministra Zélia Cardoso de Mello terá dificuldades em desbloquear negociações com essa instituição enquanto não admitir retomar o pagamento interrompido dos juros. Essa é a chave para se obter um bom reescalonamento no Clube de Paris, como tem ocorrido com outros países, a Polônia por exemplo, em termos de prazos e juros. Quanto à parte da dívida pública brasileira com a França, créditos garantidos pela Coface, o próprio presidente François Mitterrand tem recomendado que haja boa vontade com os países devedores intermediários e o Brasil poderá beneficiar-se com essa abertura.

Não se pode dizer que a ministra Zélia Cardoso de Mello tenha escolhido a melhor data para sua visita a Paris, mesmo sendo recebida pelas principais autoridades econômicas do país. Nesta época do ano, o país começa a entrar numa fase de desmobilização, com as férias de verão. Sua visita ocorre num momento semelhante ao período do nosso carnaval, quando ninguém aconselharia uma visita de trabalho ao Brasil. O país só retomará sua atividade normal a partir da segunda quinzena de agosto.